

*Estudo sobre as gerações alemãs envolvidas nas lembranças da guerra, baseado no livro
Geschichte im Gedächtnis, de Aleida Assmann*

Milena Hoffmann Kunrath¹

A autora Aleida Assmann, teórica dedicada aos Estudos Literários, bem como à Antropologia e à Memória Cultural, mais especificamente no seu livro *Geschichte im Gedächtnis*, trabalha com a memória social coletiva alemã e seus desdobramentos no Pós-guerra e na atualidade, tanto em termos literários e sociais, quanto na arquitetura das cidades.

Seu único livro traduzido para o português é a publicação “Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural”, lançado em 2011, pela editora da Unicamp. *Geschichte in Gedächtnis* (História na memória) está sendo traduzido pelo professor Pedro Theobald, oriundo da PUCRS e por mim.

O livro é dividido em cinco partes, todas relacionadas à história alemã. Enumerando de forma breve: a primeira parte trata do tamanho da história alemã, ou como a história foi, por um lado, encurtada por ter sido exageradamente focada no evento marcante da Segunda Guerra Mundial e ter os demais acontecimentos apenas referidos *en passant*, por outro lado, trata da história como importante commodity nos dias de hoje, onde museus viraram atrações e todo entendimento histórico passa a ser aquele que é melhor divulgado; a segunda parte, da dinâmica entre as gerações: quais são elas, como elas surgem, convivem entre si e irão desempenhar um papel histórico e social; a terceira parte, da relação entre as histórias privadas e a história mundial: são apresentados dois romances de família relativamente recentes e de como suas respectivas narrativas se conectam com as gerações na história alemã; a quarta parte, da arquitetura como suporte da história, traz questionamentos sobre o que vale a pena ser conservado ou não e quem deveria tomar estas decisões, nem sempre fáceis e muito recorrente nas cidades alemãs após a guerra; a quinta parte, da história contada, como funciona a encenação da história através dos museus e da mídia nos dias de hoje (no caso, da publicação do livro, em 2007); e por fim, Assmann conclui seu livro propondo uma redescoberta do entendimento da Alemanha como nação.

Como foco da comunicação, me detive aqui na segunda parte. Nesta entrada, a autora apresenta um panorama das gerações da Alemanha Ocidental durante o século XX. Inspirada principalmente no modelo de Schelsky, sociólogo da escola de Leipzig, Assmann estabelece a definição de como uma geração é compreendida para, em seguida, enumerar as principais características de sete delas. Com este entendimento, espera-se melhor avaliar os

¹ Professora Doutora de Teoria da Literatura pela PUCRS. Docente do curso de Licenciatura em Letras – Português e Alemão da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – milena.kunrath@gmail.com

desdobramentos históricos e sociais, bem como a recepção de cada geração para com os acontecimentos posteriores.

O peso geracional faz parte de uma carga que cada alemão carrega desde seu nascimento e deve ser lido juntamente com a biografia de cada indivíduo. “Quem é um ano mais novo, não tem ideia.” (WALSER apud ASSMANN, p. 31), diz o escritor Martin Walser em uma entrevista por ocasião do seu 80º aniversário, no ano de 2007, para a revista alemã *die Zeit*. Tanto ele, quanto o ganhador do prêmio Nobel de Literatura, Günter Grass, foram, de certa forma, anistiados pela “graça do nascimento tardio”; aqueles que nasceram na Alemanha depois de 1927 – caso dos dois autores – não poderiam ser responsabilizados pelo crimes nazistas já que, além de ser muito novos para atuar nos altos escalões de comando (os jovens mal teriam alcançado 18 anos no final da guerra), tiveram toda sua criação nazificada e, portanto, pouca possibilidade de pensar de outra forma que não fosse aquela imposta pelo regime. Walser e Grass fazem parte da geração de 1945, também chamada de geração cética, que abarca os alemães nascidos entre 1926 e 1929.

Em seguida, a autora introduz o capítulo de forma extremamente pessoal e poética, já inserindo-se em sua própria geração.

‘What’s in a name?’, Julieta pergunta, no Drama de Shakespeare, a seu Romeu, que tragicamente carrega o nome errado, a saber, o do inimigo Montague. O que está contido em um nome, ela quer saber; o nome de família tem uma relação intrínseca com o seu portador ou trata-se meramente de uma etiqueta qualquer? O exercício mental foi semelhante ao que me propus nos meus estudos no início dos anos 1970. Ele era: ‘What’s in a number?’ (ASSMANN, p. 37, 38, 2007)

Nascida em 1947, Assmann pertence à geração que não passou pelas dificuldades da guerra nem quando criança, nem como participante ativa, já seus pais são da geração de 1933, aquela que não só viveu os anos de guerra como participou ativamente de todos os eventos a ela relacionados.

As sete gerações examinadas por Assmann são: a de 1914 (com os nascidos entre 1880 e 1895); a de 1933 (dos nascidos dos anos 1900 até os anos 1920); a de 1945 (para aqueles que nasceram entre 1926 e 1929); a dos “filhos da guerra” (nascidos entre 1930 e 1945); a de 1968 (para os nascidos aproximadamente entre os anos 1940 e 1950); a de 1978 (nascidos entre 1950 e 1960) e a de 1985 (com os anos de nascimento entre 1965 e 1980). O ano da geração não coincide com o ano de nascimento: a autora explica que há um consenso na ciência de que exista, de fato, um momento na nossa juventude, entre os 15 e 25 anos, no qual o sistema nervoso estaria receptível ao máximo. Dessa forma, a geração será estabelecida entre 15 e 25 anos da data de nascimento do indivíduo. Para a autora,

A delimitação das gerações se compõe através de vivências históricas e inovações tecnológicas incisivas, que foram experienciadas como rupturas históricas. Apesar das crises, guerras e dos pontos de inflexão serem vividos basicamente no horizonte sincrônico por todos contemporâneos, eles são, sim, experienciados por diferentes coortes etárias de forma diversa. (ASSMANN, p.34, 2007)²

Então, segundo Assmann, “... haverá grande diferença se, por exemplo, alguém vivencia o ano de 1945 como adulto, como jovem ou como criança.” (p. 35)

Todas as gerações apresentadas estão relacionadas à Segunda Guerra Mundial, tanto as que vieram previamente quanto as que virão depois. Literariamente falando, embora se possa pensar que o assunto esteja esgotado, até pelo envelhecimento populacional e a falta de testemunhas oculares que realmente tenham vivenciado o evento, a guerra marcou a vida dessas pessoas de tal maneira que as gerações seguintes estão testemunhando suas experiências através dos traumas herdados. Por isso é essencial buscar a compreensão de entendimento da experiência de cada geração.

Pela brevidade da comunicação e, respectivamente, do artigo, só examinei de forma mais detalhada as gerações de 1933, de 1945 e a de 1968, bem como a respectiva conexão entre as três.

Para Aleida Assmann não se pode falar de uma geração sem entender sua ligação com as outras, já que elas, muitas vezes, compartilham tempo e espaço (os pais convivem com os filhos que convivem com os netos):

Variadas faixas etárias vivenciaram a guerra cada uma de uma perspectiva diferente: daqueles que lutaram em ambas as guerras até aqueles que, na condição de crianças testemunharam os efeitos da guerra na população civil. Em períodos de paz não existe nenhum marco geracional distinto parecido; por isso levamos em conta hoje o papel de experiências biográficas chave das mudanças do mundo tecnológico que nos cerca em conjunto com suas ofertas de consumo. (ASSMANN, p.35, 2007)

Além disso, não há uma separação fixa de tempo: algumas são mais curtas que outras, também há gerações mais ou menos relevantes (barulhentas) no contexto histórico.

A geração de 1933, nascida ainda na época do império, entre 1900 e 1920, não foi criada com valores democráticos. Ainda assim, tendo vivenciado enquanto crianças a Primeira Guerra Mundial, eram extremamente politizados: graças às respostas ingênuas e populares aos problemas da derrota na guerra, ambicionavam o revanchismo militar. Esta geração lutará a partir do princípio na Segunda Guerra Mundial. Após a derrota na Segunda Guerra Mundial, eles iniciam uma segunda carreira: os pais da geração de 1968 ocupam cargos públicos,

² Todas as citações do livro *Geschichte im Gedächtnis*, de Aleida Assmann, são traduções do original alemão da autora do artigo.

serão os responsáveis pela continuidade das instituições e também pelo clima restaurativo dos anos 1950.

A geração de 1945 é uma geração relativamente breve, apesar de intensa e significativa, que abarca os nascidos entre 1926 e 1929. Ela também é conhecida como geração cética ou da bateria antiaérea (pois a maioria dos homens foram engajados, pela pouca idade, nessa frente no final da guerra). Foram educados desde o princípio num ambiente nazificado (a ascensão de Hitler deu-se em 1933). Com o fim da guerra, os representantes de 1945 tiveram a chance de começar do zero e redefinir suas existências.

Por fim, a geração de 1968, dos nascidos entre 1940 e 1950, teve uma criação problemática: embora fossem educados para a desnazificação na escola e em sociedade, dentro de casa reinou o silêncio absoluto sobre os acontecimentos da guerra (os pais, da geração de 1933, calaram completamente). Enquanto foram providos materialmente, não se pode dizer o mesmo a respeito do amparo familiar. Dessa forma, não houve uma empatia possível para com os pais, que se mostravam autoritários e conservadores. Esta geração buscou seus “pais espirituais” nos intelectuais judeus que haviam sido expulsos da Alemanha, como Adorno, Hockheimer, Marcuse, Benjamin, Freud, Foucault, Lacan, entre outros.

A geração de 1945 esperava ser um modelo, uma nova formação intelectual para a geração de 1968 e autores como Wolfgang Iser (ano de nascimento 1926) dedicado aos Estudos Literários, Dieter Henrich (ano de nascimento 1927) da Filosofia, Helm Stierlin (ano de nascimento 1926) da Psicoterapia, Niklas Luhmann (ano de nascimento 1927), Ralf Dahrendorf (ano de nascimento 1929) e Jürgen Habermas (ano de nascimento 1929) da Sociologia são exemplos pensadores destacados que não iluminaram os jovens da geração de 1968. Naturalmente, esta geração questionava seus pais e queria entender exatamente que papel eles desempenharam na Segunda Guerra Mundial. Embora a geração cética se sentisse enganada por ter sido engajada na ideologia nazista ainda enquanto criança, eles eram capazes de compreender e ter empatia para com a geração de 1933, afinal, haviam sofrido privações, bombardeios, orfandade, fugas e expulsão da terra natal; eram, então, bem ou mal, cúmplices desta geração.

Já a geração seguinte não partilha desse sentimento. Ela será a geração dos movimentos estudantis que, por causa da incapacidade de dialogar com seus pais, irá entrar em choque com a geração de 1933 – com certo apoio com os de 1945, embora estes sejam extremamente despolitizados.

Por um lado, a geração de 1945 procurou expiar sua participação e cumplicidade incentivando os alemães a assumir sua culpa e responsabilidade em relação aos

acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Porém, estes mesmos personagens que tiveram a pretensão de guiar a nação, e assumiram inclusive uma postura politicamente ativa, acabaram lembrados na consciência social mais pelos pequenos defeitos (alguns escondidos por muitos anos) do que pelas qualidades morais que tencionavam estimular.

Embora pouco relevantes, em termos de crimes de guerra, os desvios destes jovens que atuaram na bateria antiaérea no final da Segunda Guerra foram sendo descobertos e, aos poucos, minando sua credibilidade moral. Ainda que haja exemplos com Joachim Fest (citado por Assmann pelo exemplo de seu pai na biografia *Ich nicht*) ou até mesmo Joseph Ratzinger, futuro Papa Bento XVI, que apesar de ter sido convocado para o exército, não tenha chegado a lutar no fronte e, assim que possível, escapado para sua terra natal, a atenção social volta-se para a participação de nomes como Günter Grass (nascido em 1927) na SS, escondida até o lançamento de sua autobiografia em 2006, e de Habermas como colaborador de uma revista juvenil nazista (*der Pimpf*), também em seus anos de tenra juventude. Assmann questiona o que causaria tanta indignação sobre as atitudes de jovens de 16, 17 anos de idade inseridos num meio em que o curioso seria exatamente se suas ações tivessem tomado outro rumo? Ela mesma responde:

Quanto mais a população se distancia deste passado, através do rejuvenescimento biológico e da reorientação mental, mais alheia ela fica em relação a ele. Uma população, cuja a metade viveu o período nacional-socialista, pouco teria se inquietado com estes casos. O que para aqueles ainda figurava como normalidade, deve figurar como escândalo por causa da educação atual. Para estes, com o passar do tempo, tornando-se cada vez mais alheios e exóticos em relação a partes de seu passado, a sociedade reage com separação e indignação moral. (ASSMANN, p. 39, 2007)

Além de brigarem com os pais e cobrarem responsabilidade de todos que vieram antes, a geração de 1968 tem para com a geração de 1945 uma relação de repulsa e atração. Assmann aponta três diferenças básicas entre elas: a *politização*, ou seja, o que foi essencial para os dos anos 1968, foi totalmente recusado para os representantes da bateria antiaérea, pois eles sentiram-se enganados pelo sistema:

Já que na consciência desta geração não estão apenas ancorados profundamente ‘a queda e ruína dos sistemas e da ordem sociais’, mas também ‘erros, fraquezas e falhas dos adultos’, eles seriam ‘mais críticos, céticos, desconfiados ou, pelos mesmo mais descrentes e desiludidos’ do que as gerações jovens anteriores. (ASSMANN, p. 42, 2007);

a *juventude*, algo que a geração de 1945 não vivenciou, quer dizer, eles passaram do final de sua infância, no término da guerra, para o período de grandes responsabilidades, como assumir a reconstrução moral e material do país – naquele momento era impossível vivenciar

uma juventude de forma natural –, enquanto a geração de 1968 vivenciou sua juventude prolongada ao máximo; e, por fim, a *ruptura histórica*: a geração cética está totalmente marcada pela ruptura de 1945. A derrota na guerra significou para os jovens nascidos dentre 1926 e 1929 não apenas o fracasso nacional, mas também a perda do sentido da vida até então, bem como o rompimento do elo de confiança com o Estado e a polícia como solução para os problemas.

Assmann credita muito da revolta da geração de 1968 à falta de revolta da de 1945. Enquanto no Pós-Guerra houve um silenciamento tácito dentro do âmbito familiar a respeito dos acontecimentos da Segunda Guerra, os de 1968 viviam uma experiência de ‘silêncio comunicativo’, já que fora de casa eram bombardeados pela narrativa do recomeço. Porém, o arrependimento tão difundido fora de casa, com os pais da geração de 1933, não era verdadeiramente vivenciado dentro dela. E a geração de 1945 tolerava este movimento.

Não podemos simplesmente excluir, no entanto, a geração de 1945 dos protestos de 1968. Se é verdade que ela não participou ativamente e não confrontou a geração anterior, também é verdade que, com o discurso do reconhecimento da culpa alemã e da recuperação da memória da guerra, ela tomou parte no grande projeto da geração de 1968, apenas não de forma explicitamente combativa.

Assmann aponta para a diminuição crescente de testemunhas oculares dos anos de guerra, ou seja, aquelas testemunhas que participaram ativamente da Segunda Guerra Mundial e que em 1999 chegavam a 5 milhões, mas a cada ano que passa diminuem cada vez mais. A despedida da geração de 1933 ocorre muitas vezes silenciosamente e na esfera privada, mas em outros momentos, como nos casos Hans Filbinger (ex-governador da Baviera, que foi juiz militar da marinha na Noruega durante a guerra e nas vésperas do final do combate ainda assinava ordem de execução para desertores) e Kurt Waldheim (secretário das ONU entre 1972 e 1981 e presidente da Áustria de 1986 a 1992, mesmo após a descoberta comprovada de que participou de um regimento nazista de perseguição e extermínio de partisanos nos Balcãs na Segunda Guerra Mundial) ainda são capazes de suscitar discussões acerca da seriedade com que se interpreta as ações do passado. Ambos foram louvados por familiares e membros do partido como antinazistas exemplares, o que deixou historiadores e a opinião pública muito desconfortáveis. A autora fala que, para eles, “Os anos de esclarecimento e pedagogia histórica passaram (...), de forma alguma, sem deixar vestígios.” (ASSMANN, p. 51, 2007), ou seja, apesar do suposto aprendizado e entendimento a respeito dos crimes nazistas, o passado foi enterrado, mas não assumido como errado.

É por este motivo que existe um conflito tão acentuado com os filhos da geração de 1933. Os pais acreditam supri-los com todo o necessário (e aquilo que não tiveram), como segurança material, paz, segurança institucional, ordem e autoridade. Mas o que os filhos da geração de 1968 interpretam receber são bens materiais, autoritarismo e puritanismo. Enquanto os pais (muitos deles portadores de estresse pós-traumático advindo da guerra) não entendem o que mais os filhos podem querer, os filhos não entendem a violência e o autoritarismo gratuito (na visão deles – também por causa do silenciamento dos pais).

A geração de 1968 é indicada também pela característica marcante de ser uma geração de ruptura sem uma grande cisão histórica, como foram a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais. A cisão foi iniciada por eles com os protestos de 1968, que convulsionaram toda a Europa e acabaram por obrigar a sociedade da época a finalmente encarar o vergonhoso capítulo da história alemã:

Estes filhos e filhas desafiaram seus pais (e de numa medida muito menor também as suas mães) e os expuseram em praça pública. Eles soaram o alarme e derrubaram a máscara da face – juntamente com os de 1945 – de uma cumplicidade, no bem-estar e carreirismo da sociedade estarecida revelando a ‘mentira’³ (assim se chamava o verbete na época) comprovada na extensa continuidade institucional subliminar com o nacional-socialismo. (ASSMANN, p. 54, 2007)

Tudo aquilo que fora reprimido e esquecido passou então a ser exposto e questionado. Tal movimento gerou, além de estudos científicos sociológicos, da ordem da psicologia e outros campos do conhecimento, obras literárias nas quais os autores buscavam confrontar o passado dos seus pais. A pacificação só virá mais tarde, com a geração posterior, a de 1978 (irmãos mais novos da geração de 1968), que procura, através de pesquisas histórias e documentos de família, muitos após a morte dos pais, compreender as motivações que levaram os pais a fazer o que fizeram e escrevem, em muitos casos, os romances de família.

Cada nova geração deseja imprimir sua assinatura, uma renovação em relação à geração anterior e propor uma ruptura com tudo aquilo que determina sua vida até então (“Cada jovem concede-se o direito de fazer diferente e pensar diferente. Sua identidade e seu projeto ganham em grande medida com esta vontade de demarcação.” ASSMANN, p. 36, 2007). É por isso que, no estudo geracional encontramos movimentos cíclicos, como os de maior politização e despolitização, os de maior agitação e os de maior calma: há sempre uma contraposição.

Concluindo, trago o recorte de Assmann, sobre a relação entre as gerações e a importância deste entendimento:

³ *Verlogenheit*, no original em alemão N.T.

Nós vivemos neste momento, mas não o murmúrio de vozes dos velhos e jovens, dos mais velhos e mais jovens, mas sim também da despedida do poder de interpretação de duas gerações, (...) que eu apresentei aqui no centro, a de 1945 e a de 1968. Uma consequência visível desta despedida é a renegociação da nossa visão de história entre a moralização e a historicização. Nós estamos testemunhando agora, como o que valeu por muito tempo como inquestionável 'presente', gradualmente se torna passado. (ASSMANN, p. 69, 2007)

A despedida da geração de 1968 impõe-se com a suavização do discurso da geração de 1978, que não está mais disposta a brigar e confirma a regra da alternância entre gerações. Os sucessores querem diferenciar-se dos de 1968 e com isso acabarão revendo mais uma vez os entendimentos históricos em relação à guerra e às suas relações familiares. A multiplicidade de interpretações não deixa de ser um movimento saudável, que provavelmente será questionado nas próximas gerações. E o resto é história.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe (coord.). Campinas: Unicamp, 2011.

_____. **Geschichte im Gedächtnis**: Von der individuellen Erfahrung zur öffentlichen Inszenierung. München: Beck, 2007.